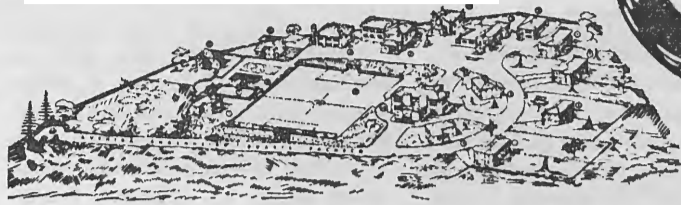




Gaiato

14 DE NOVEMBRO DE 1970

ANO XXVII — N.º 696 — Preço 1\$00

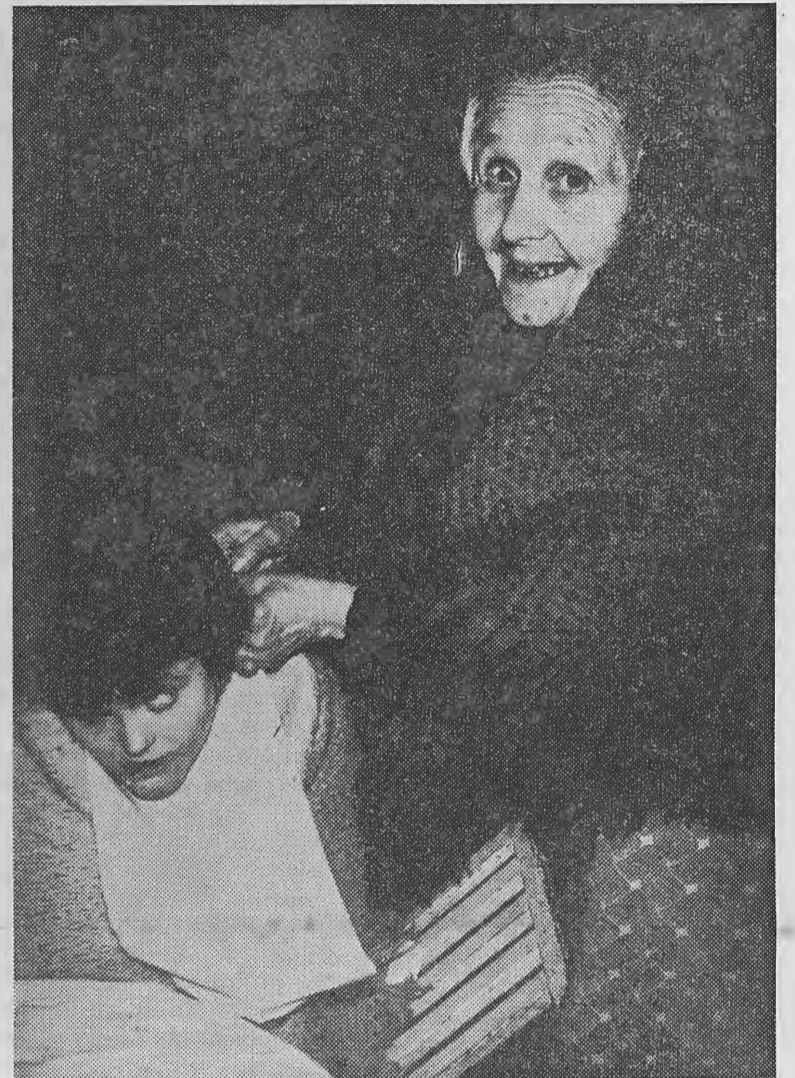


OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

FOI pensamento sublime aquele que Deus ditou a Pai Américo. Almas imortais em corpos enfermos, votados ao desamparo, reclamam poiso condigno para as horas derradeiras da passagem terrena. Inválidos sem família, doentes sem cura, monstros sem abrigo na sociedade que os segrega — foram e são motivo premente da existência do «Calvário».

Este nasce. Cresce. A multidão dos crentes na ressurreição da carne enferma, quer que o «Calvário» seja. E ele é. Umhas vezes tem sido local de ressurreição para tantos, que, no abandono a que estavam entregues, nunca passariam de pesos mortos.

Mas, sobretudo, o «Calvário» é leito de Esperança para quem aguarda a partida, seja inválido que entorpeceu, ou canceroso que se vê cerroído por mal implacável. E na resignação destes temos presenciado horas altas de Esperança, quando a humana findou. A Esperança é mesmo a virtude cristã que está na base desta Obra que recolhe sòmente incuráveis. É por força desta virtude que tudo nela se opera. É por via desta virtude que os visitantes deparam com serenidade e paz neste local de tanto sofrer, onde o doente que chegou é um irmão que se recolhe. O sentido da dignidade do estropiado, mais o amor por ele são resultantes do clima cristão.



Não raro deparamos em corpos enfermos, com rostos a estalar de alegria. A Felicidade é valor supra-terreno. Situa-se no domínio do espírito.

PATRIMONIO DOS POBRES

Pelo facto de há muito não sair esta rubrica, não se conclua que não há que dizer. Júlio bem ma sugere de vez em quando. Porém, porque outros temas têm tomado lugar prioritário; e porque, mal haja original suficiente para cada número, imediatamente seca a inspiração — tem o assunto passado de quinzena para quinzena.

Volto a dizer que, na verdade, o Património dos Pobres pròpriamente dito — casas da Paróquia, por ela postas, gratuitamente, ao dispôr dos seus membros indigentes — prossegue em ritmo muito lento. Não que não sejam necessárias. Não o que não sejam sempre. Se cada Paróquia vivesse autenticamente o dever de cuidar dos seus Pobres, bem se saberia em cada uma quantas casas deste tipo eram necessárias — e essas tantas teriam de existir. Mas só isso. E como Pobres há-os de muitas espécies, consoante suas necessidades e sua desigual capacidade de as prover, também o órgão paroquial encarregado de executar a Justiça, pela Caridade, com Caridade, havia de descobrir as diferentes formas de dar a mão, sempre na aspiração de eficiência, sempre na atenção da delicadeza devida.

Dar casa de graça a quem nada pode — é bem. Dá-la da mesma forma a quem, com

Cont. na QUARTA página

O mundo não possui aquele sentido nem conhece tal amor porque vive em outra luz — luz frouxa, porquanto não ultrapassa o efémero. Tal sentimento pela dignidade alheia, esteja ela em diminuídos físicos; tal amor pelo inválido sem cura, mesmo quando o mal lhe ofuscou o aspecto humano — são os antípodas do terrorismo moderno, ainda que este seja

Cont. na QUARTA página

O progresso dum país mede-se em grande parte pela maior ou menor cobertura da sua população pela previdência e pelo seguro sociais e pela eficiência destes. Para lá dos progressos realizados na última vintena de anos, temos de constatar que estamos longe de atingir o desejável e que há ainda a percorrer uma longa caminhada, em ordem a encarar a doença, a velhice, o acidente e tudo aquilo que possa diminuir ou incapacitar o homem nas suas potencialidades, de modo a afastar possíveis situações de miséria ou de desgraça, não só para quem trabalha, mas também para os agregados dependentes respectivos.

Queremos hoje referir-nos aos chamados acidentes de trabalho, cuja cobertura tem estado a cargo das empresas de seguros e a quem se deve, como a certas mútuas, algo de pioneirismo neste sector. Parece-nos, no entanto, chegada a hora de integrar todo o esquema de seguro e de previdência (e uma coisa é interdependente da outra) no mesmo organismo ou entidade. Para lá da dispersão de coisas tão afins, com os seus inconvenientes e

Aqui Lisboa

Por PADRE LUÍS

sobreposições, há um princípio que nos parece elementar: todo o lucro ou rendimento do seguro social deve reverter, ao fim e ao cabo, em benefício dos próprios trabalhadores, em melhoria de regalias ou em reajustamentos e actualizações de pensões, e não em retribuição do capital privado. Não faltarão campos onde a actividade particular encontrará facilidades de aplicar os seus dinheiros e de encontrar os justos réditos dos seus investimentos. Ao afirmarmos isto não nos move qualquer segundo sentido ou o menor remoque contra uma actividade legítima, de que não temos aliás qualquer razão de queixa, mas buscamos uma situação mais consentânea com as próprias

realidades da vida presente e a passagem a um estádio mais perfeito da orgânica social.

Temos contactado com famílias ou trabalhadores vítimas das consequências de acidentes de trabalho. Se é certo que nem sempre se ouvem justas queixas ou lamentações e, até em bastantes casos, não se deixam de vislumbrar atitudes menos correctas, verifica-se, pelo menos com o decorrer dos tempos e a concomitante desvalorização da moeda, a atribuição de pensões, de invalidez parcial ou total ou por morte, irrisórias, sem possibilidades de actualização. Ora se os va-

Cont. na QUARTA página

PELAS CASAS DO GAIATO

BENGUELA

FESTAS — Acabaram-se as festas, aquela gracinha que fazemos todos os anos. Realizámos nove espectáculos. Antes das sessões tínhamos a preocupação de perguntar uns aos outros: «Então a sala logo vai esgotar?». Outros respondiam: «Olha, estão a vender os bilhetes todos». Era a preocupação de nós todos, principalmente do nosso Padre Manuel que tem sobre si o tremendo peso de cento e tal rapazes a comer, vestir, calçar e os operários que trabalham que também todos os fins de semana, recebem o seu ganha pão; as obras em construção, enfim, tudo isto é um tremendo peso. E talvez ainda poucos se tenham apercebido disto.

A semana passada fui passar um dia fora. Depois de uma troca de impressões sobre o nosso conjunto artístico, vários amigos me disseram que o número que mais os chocou foi o último — a alocução do nosso Padre Manuel. Sobretudo aquela frase — «Não se esqueçam que à saída encontram-se umas capas negras! Quem ainda não ficou satisfeito com aquilo que deu pelo seu bilhete, faça o favor de deitar o que entender.» Eu na altura não entendi, depois pensei e disse para comigo: — A Obra da Rua é acarinhada por todos. Sensibilizou-me ouvir aquelas pessoas dizer que tinham ficado chocadas com aquelas frases, e que ainda não tinham ficado satisfeitas com o que deram pelo bilhete e nas capas negras! Oxalá que todos tenham pensado da mesma maneira para, assim, acarinharemos cada vez mais a nossa Obra — a vossa Obra.

José dos Santos Serrão

MIRANDA DO CORVO

Ao romper do passado dia 10, partia um grupo de sete elementos, trouxe às costas, em peregrinação a Fátima. Na véspera tínhamos preparado tudo. Duas barracas de campismo, cobertores, farnel e eis a caravana a caminho por montes e vales.

O frio apertava. A boa disposição que sempre reinava e o esforço da caminhada em breve dissipava o frio. Pelo caminho encontrámos vários grupos de peregrinos que iam ficando para trás. Em breve palmilhámos os primeiros quilómetros.

Mais à frente metemo-nos por atalhos e não encontrámos trabalhos. Durante duas horas percorremos um autêntico deserto de pedras e terreno árido. Ali a vegetação é nula, uma região muito pobre.

Veio a noite. Havíamos percorrido nesse dia cerca de quarenta quilómetros. Acampámos à borda da estrada e descansámos das fadigas resultantes duma intensa caminhada.

No dia seguinte, levantámo-nos antes do sol e empreendemos a caminhada, embora estivesse frio e a carga fosse respeitável. Era Domingo. Em todas as povoações víamos as pessoas sair da Igreja. Os marcos quilométricos iam ficando à nossa retaguarda. Tínhamos de atingir Fátima nesse dia. Em V. N. de Ourém houve uma separação do pelotão. Fernandito quis ir na dianteira e seguiu por um caminho diferente do nosso, chegando a Fátima com duas horas de antecedência.

Ao crepúsculo atingíamos Fátima. A torre do Santuário erguia-se nas alturas. No recinto encontravam-se peregrinos, que certamente, iriam cumprir as suas promessas. Pessoas, de joelhos, percorriam o asfalto até à Capelinha das aparições.

Escurecia. Procurámos local para armar a barraca. Foi mesmo no meio duns encalços. O Fernandito ainda não chegara e era portador duma barraca e três cobertores. Não conseguimos encontrá-lo. Rapámos frio durante toda a santa noite e na manhã seguinte, apareceu o Fernandito com cara de sono. Não dormira de noite. Ficara junto da Capelinha das Aparições até de madrugada, desconhecendo o nosso paradeiro e vice-versa.

Vagueámos durante o resto do dia pelo Santuário e arredores. A multidão aglomerava-se em volta de N.ª Senhora, rezando e implorando graças. O frio apertava cada vez mais. O sol escondera-se no horizonte. Lá no fundo, a multidão deitava-se na laje, uma manta a cobrir, e adormecia ao som do cântico dos alfalantes do Santuário que durante toda a noite se fizeram ouvir.

Chegou o dia 13. Um dia diferente para os doentes. Eles confiam na Sr.ª de Fátima e a Ela pedem intercessão para todos os pecadores. No fim da Missa viemos embora. A furgoneta esperava-nos. Regressámos com o propósito de lá voltar novamente, a pé.

Manuel Cesário

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

Surgiu-nos agora mais um caso, que nos propomos resolver como nos for possível.

É o de um casal jovem. Ele regressou há pouco do Ultramar. E trouxe mazelas. Esteve internado. E resolveu não cumprir o tempo suficiente de internamento! Depois, tentou emprego. Não aguentou o serviço. **Dão-lhe ataques.** A Caixa ainda lhe presta assistência médica e parte da medicamentosa. O resto — comer e dormir — teremos de ser nós?

Uma alma apaixonada desejou expor o problema. Incentivámo-la. Parece-nos que há motivos para o assunto ser encarado pelas vias normais.

O referido casal não tem moradia. Vive com os pais e cunhados — a monte! Querem uma casa. É justo. Indispensável. Demos-lhe a mão para catar uma, no meio de tão poucas vagas (uma, duas?), na paróquia. **«Os preços são d'arre-**

piar!» — comenta a jovem, despressionada pela doença do marido. Tornámos a dar-lhe a mão — **ande prá frente!** E foi. Não tarda a aparecer. Serão mais 200\$00, 300\$00 ou 400\$00. Que importa?! Ainda que isto escandalize muitos **devotos** dos Pobres, que só os identificam pelos farrapos, pela mendicidade... Infelizmente, ainda há muitas **vistas curtas** em horizontes tão largos e claros como a luz do sol... Mas isso é outro problema que, por caridade, é melhor ficar entre nós.

O QUE RECEBEMOS — Ai vai a **procissão** das migalhas. Sempre tão saborosas! Até pelo sentido de pobreza — que é riqueza.

Abre a **Viúva do Porteiro**, com a nota do costume. Ela tem sido, no seu sacrifício — e oração — um maná celeste. Temo-lo dito. Até como conforto para a sua cruz.

Mais uma presença habitual — 40\$ da assinante 17022. Metade do 25881. E mais 100\$00 de Lourenço Marques para a **«Conferência de Paço de Sousa (é assim que se chama?)»**. É, sim senhor. Quando puder, lembre-se sempre de nós.

De Belas, 10\$00 **«como já é habitual»**. A gente fica com a boca doce por estas legendas. Sr.ª D. Emília, não há melhor processo, nem mais rendoso, de subscritores. Tudo quanto é espontâneo, é da alma. Do melhor que tem a nossa alma. Por isso, aqueles 10\$00 vão multiplicar-se em 100, em 1000, em 10.000...

Uma carta de algures, assinada por E. B., diz assim:

«Junto lhe envio 240\$00 para a «Conferência de Paço de Sousa» em cumprimento de uma promessa.

«Se fosse possível, gostaria que esta pequena importância ajudasse a minorar o sofrimento de algum casal velhinho, ou então deixo ao seu critério, o que talvez seja melhor.

«Muito grata lhe fica...»

A Caridade é assim. Não fixa objectos rígidos.

Finalmente, 25\$00 de Maria do Rosário, que acentua:

«Desejava enviar mais, mas os meus proventos não me permitem ser mais generosa. Sempre que possa não vos esqueço. Agradeço-vos o nosso «Famoso», que tão boas e salutares lições me tem dado. Deus vos proteja.»

Retribuimos os mesmos votos.

E é tudo.

JÚLIO MENDES

Paço de Sousa

Telescola — Todos entrámos com o pé direito neste novo ano lectivo da Telescola.

A todos os nossos estudantes, tanto da Telescola como da Instrução Primária, felicidades e bom aproveitamento.

Formação profissional tipográfica — Ao lerdes este sub-título, pensareis talvez:

«Caramba! Aquilo é que é dar formação!»

Claro que assim é. Estamos numa época da história em que não po-

demos estacionar. É prá frente!...

As aulas não são mais nem menos que a explicação tecnológica do **como, porquê e para quê** de uma profissão muita digna chamada Tipografia, que revolucionou o mundo desde o século XV.

Visitantes — A nossa Aldeia tem sido visitada por centenas e centenas de amigos. Uns que já nos conhecem, outros guiados por aqueles que desejam conhecer-nos também.

Já agora aproveito para informar os nossos amigos que sempre que queirais visitar-nos, fazei-o, pois está sempre alguém ao vosso dispor para vos mostrar a nossa bela Aldeia.

Futebol — Poucos têm sido os convites para defrontar o nosso «onze» que, como sabeis, já formulou a ambição de participar no «Mundial»... Mas como não temos quem venha cá fazer-nos frente, embora percamos algumas vezes, sentimo-nos em igualdade perante os outros tornando-os assim mais ferrenhos.

Estamos com grande crise de ases! Mas tudo se vai compondo. Sem ofender o «Sr. Meirim do Belenenses», temos cá um rapaz que é 99% «Meirista».

E aqui está a sua mentalização: **«Nós é que somos os melhores!»** Se á assim?! ..

Manuel dos Santos

A NOSSA FAMÍLIA CRESCE

AO LADO: *uma imagem do casamento do Manuel Lopes, que foi da nossa Casa de Paço de Sousa e do Lar do Porto e hoje labuta no Brasil.*

EM BAIXO: *Um grupo de três netos da Obra. São filhos do Quim Carpinteiro, — responsável pela carpintaria da nossa Casa de Lourenço Marques.*



A marcha prossegue, com muito entusiasmo!

Paragens, se há, num ou noutro lado, quase poderíamos interpretá-las como reforço d'ânimo e coragem.

Para o quê, vejamos: durante esta quinzena registámos mais 46 novos leitores de O GAIATO. Não tardaremos a chegar aos 2.000 — colhidos quase num ano...

• «A PROMESSA FICA DE PÉ»

Lembram-se daquele bancário do Porto, cujas notícias saboreámos oportunamente? Aqui vai, de novo, com a fé de sempre:

«Peço desculpa por só ter arranjado mais um assinante. Mas, na verdade, não me tem sido possível trabalhar para vós. A promessa que fiz de pôr todos os colegas e directores do banco como vossos assinantes, fica de pé; demos tempo ao tempo.

«Aceitai um grande abraço, de um grande amigo vosso...»

CAMPANHA DE ASSINATURAS

Que trabalho formidável! É um homem de fé viva. Por isso, demos tempo ao tempo.

• LEGENDAS SUCULENTAS

Por minhas mãos pecadoras passa esta legenda de Torres Novas:

«Arranjei mais dois assinantes — o que é muito pouco...»

Admiráveis propósitos!

E mais uma de Lisboa, que não esmorece:

«Tenho a alegria de vos comunicar a entrada de mais

um assinante de O GAIATO... Obrigada por atenderem este meu pedido. E que me seja concedida a graça de mais assinantes...»

• SACRIFÍCIOS SALUTARES

Todas as cartas transparecem delicadeza! Mesmo aquelas com chegas oportunas e muito amigas, como a seguinte, de Vila Real:

«Envio-lhe a direcção de 5 das nossas alunas que eram assinantes do nosso Jornal e que, tendo saído este ano do Colégio, por terem concluído

o seu curso liceal, querem continuar a assiná-lo.

«Para o lugar destas e outras que saíram também, já arranjei novas assinaturas entre as nossas alunas que de boa vontade sacrificam as deliciosas guloseimas para ajudarem os seus irmãos Pobres (o sublinhado é nosso).

«Podem vir, portanto, de futuro, os mesmos 25 jornais. Mas lá os meninos da contagem que não se distraiam na conta porque umas vezes vêm a mais outras a menos...»

Amigo «Herrera» leu e releu. E promete não repetir a baralhada. Mas, caso repita, faça favor de dar catanada — para ele assentar cabeça.

• UM SIMPLES POSTAL

Aparece, agora, da Batalha, um simples postal:

«Agradeço que inscrevam como assinantes do Jornal O GAIATO minhas filhas...»

«Com os meus cumprimentos...»

É verdadeiramente adorável a preocupação de muitos Pais — nossos leitores — em transmitir a seus filhos quanto de útil colhem neste livro aberto, vivo, que é o Famoso. Aliás, aquela Religiosa de Trás os Montes — cuja carta transcrevemos acima — há muitos anos

que segue esta linha de rumo. Que apareçam mais Pais ou Encarregados de educação, com a mesma preocupação!

• UMA NEGATIVA!

No meio de apaixonados — tão apaixonados! — surge uma negativa! É o sal... Ora leiam:

«Tenho o prazer de o informar que já não estou interessada no recebimento do vosso Jornal.

«Já comuniquei isto há bastante tempo, mas pelo que vejo, acho que não recebi a minha comunicação.

«Tenciono mandar um dia destes uma gratificação...»

Que mosca teria mordido a esta leitora de Esmoriz?!...

• DE NORTE A SUL DO PAÍS

Além das notícias já indicadas, temos mais presenças vivas de Monte Real, Verdemilho (Aveiro), S. João da Madeira, Paredes, Bruçó, Setúbal, S. Roque da Carvalhosa (Paços de Ferreira), Bragança, Vilar Seco (Vimioso), Vila Real, Ermesinde, V. N. Famalicão, Arcos de Valdevez, S. Romão do Coronado e Tomar.

Que valente procissão!

• ULTRAMAR

A pausa moçambicana, na quinzena anterior, redundou em pequenina avalanche! Seis presenças de Lourenço Marques, outra da Namaacha, Vila Pery, Maxixe e Nacala.

E da costa ocidental segue o Dondo.

Finalmente, um quente abraço para todos os nossos amigos do Ultramar!

Júlio Mendes



Solenidade de Todos-os-Santos — Não tivemos o tradicional magusto por ausência dos vendedores de «O Gaiato» mais dos rapazes do Lar, que lá ficam pelo serviço da venda. Mas foi um dia feliz. Um filho, inquieto e irrequieto de há pouco, regressou à sua casa. Um outro, «pródigo» de longa data, veio para reatar laços que ele mesmo cortara, agora que vai fundar sua família e quer começar de novo uma vida nova.

«Como a Família é verdade!» Uma das experiências mais profundas — por isso inesquecível — desta realidade, tive-a, passado pouco da partida de Pai Américo para o Céu, em circunstâncias semelhantes às do nosso «pródigo» de hoje. Também aquele, que nunca convivera comigo, me veio pedir que o fôsse casar. Fui. No almocinho muito íntimo em casa dos sogros, fiquei a seu lado. Na parede, atrás e acima dos esposos, o retrato de Pai Américo. Éramos toda a sua família.

Muitas vezes durante a refeição ele cingiu-me fortemente, expandindo assim a sua ternura pelo passado.

Nunca tivéramos oportunidade de fazer amizade. Eu era, ali, eu só, toda a sua família. A força do seu abraço dizia da necessidade de Família comum a todo o homem normal.

«Como a Família é verdade!» Porém, é mais difícil decidir-me pelo sim ou pelo não, ao pedido do nosso «pródigo» de hoje. Com este, tive oportunidade de fazer amizade — e fi-la. Foi um dos nossos

chefes de casa. Atingiu momentos altos de colaboração no governo da nossa pequenina «república».

Depois..., desequilibrou-se — e não foi capaz, nem de aceitar a mão que se lhe oferecia para o restituir ao equilíbrio. Preferiu sair.

Foi há quase seis anos. Seis anos de separação, em que a lembrança dele se não perdeu, porquanto a ferida fechou, mas ficou a cicatriz.

Agora, que vai constituir sua família, redescobriu a necessidade de Família que tem todo o homem normal, nem que dominado por paixões ou pelo orgulho. Voltou.

— V. deve ir casar-me. Se hoje me não julga seu, fui seu filho. E não tenho mais ninguém de meu no meu casamento.

Hesito. É tão carregado de mistério o coração humano!

Ainda assim, «como a Família é verdade!»

x x x

É segunda feira, dia dos Fieis. Tencionava ter escrito ontem... A manhã foi cheia como digo atrás. Depois, um pequenino colóquio com o Júlio, a resolvermos vidas, as vidas dos nossos Rapazes. Ainda um breve encontro de paz, com um filho um bocadito orgulhoso, a quem quero como à vida.

De tarde, enquanto esperava no bar um cafézito, que não chegou a vir, uma partida de damas... e uma derrota. Mais um pouquinho de televisão. A visita de um dos nossos «velhos», o Zeca «Preta», mai-los seus.

Depois, uma volta com filhos e netos...

Não escrevi ontem, como tencionava. Mas foi um dia feliz, revigorante.

Como Deus é bom! É Pai!...

E nós, tão tolos, tão cegos, que tantas vezes não damos conta nem apreciamos as doçuras que Ele nos dá!

x x x

Tanto aqui, como no Lar, temos uma sala, que se foi compondo pouco a pouco com coisas dadas (algumas, muito beneficiadas depois) de modo a conseguir um ambiente onde quem quer que aspire a um pouco de bom gosto e de comodidade não se sentirá mal.

São, oficialmente, as nossas salas de visitas. Porém, como as visitas de cerimónia são raras, nem nos compete ter salas de circunstância, ambas funcionam quotidianamente como um lugar de maturidade que dê resposta razoável àqueles dos nossos que apreciam saudavelmente beleza e discreto conforto.

Eu regalo-me de passar por lá e vê-los a ler ou a estudar, rádio muito baixinho, música que não é bem qualquer, luz morna.

Estas salas operam uma natural selecção. São de todos, mas não para todos. Aliás, não são muitos, ainda, os que as apetezem. Mas, pouco a pouco, vai também crescendo o número.

E eu regalado!

Temos agora no Lar uma boa colecção de bons discos. Tudo música séria — já com bom grupinho de amadores — que as «boleias» do Círculo de Cultura Musical e as «pechinchas» dos concertos promovidos pela Câmara do Porto e pelo Festival Gulbenkian não têm sido em vão! Falta o giradiscos à altura. Se vier, quando vier... — então é que vai ser!

LAR OPERÁRIO EM LAMEGO

Hoje o caso é urgente. Perto de nós, embora fora da cidade, vive uma viúva muito pobre com quatro filhinhos todos pequenos. Casualmente, alguém passou junto dum casebre onde as silvas andavam à vontade, mesmo no interior, e reparou que estavam crianças dentro. Parou, indagou, e veio a saber que ali era a morada duma família. Soube-se ainda que nos dias de Inverno é preciso na loja térrea colocar pedras no chão porque a água não deixa passar para qualquer coisa... a que chamam cama. A atravessar o espaço está um arame que serve de guarda fatos onde se vêem farrapos estendidos.

É tudo? Não. De facto não podemos saber disto e ficar quietos. Bendito seja o Senhor porque já há almas em alvoroço. Para já precisamos de 100\$00 mensais a fim de pagar a renda duma casa. E será temeridade pensar numa habitação própria para aquela família?

De que valerão Hospitais, Institutos, e Assistências, Escolas e Patronatos se o mal vem de raiz? Como se poderão educar aquelas crianças, se desde o berço não tiveram um mínimo do indispensável para viver? A Mãe é a única que trabalha e tem andado a pagar as dívidas que lhe ficaram com a doença do marido. Quanto será o ganho diário da pobre mulher? Dali há-de sair para o pão de cada dia, para se vestirem e para amortizar dívidas. Tu não conheces a pobre viúva. E eu também não. Mas todos sabemos que é nossa irmã. Certamente, se reflectires um pouco nesta família, vai ser difícil adormecer hoje. Com tijolos e cimento levantam-se casas; e esta é a única resposta que se pode dar.

Padre Duarte





Há dias publicaram os jornais a notícia de que uma das nossas Câmaras Municipais, andava aflita com a proliferação de barracas de habitação dentro da sua área. E lançou a campanha contra as barracas. Não deixa que se levantem barracas para gente viver. Pôs em acção todos os meios ao seu dispor, inclusivé a sua polícia municipal, para agir com todo o rigor.

Esta é uma campanha saudável ao serviço do homem. Devia ser posta em prática por todas as Câmaras e por todos os meios.

Mas não basta proibir. É preciso ajudar. É preciso estimular com facilidades de toda a ordem a construção de casas decentes. Porque se trata de classes sociais débeis, só devem encontrar facilidades no seu caminho.

Desde o início, a nossa Obra alinha nesta campanha contra a barraca. Lembramos o Património dos Pobres; os Pequenos Auxílios — que transformaram em proprietários de uma casa decente centenas de famílias que antes viviam em barracas indecentes, imundas.

Nestas terras que ora pisamos, o problema de barracas é aflitivo com todas as suas consequências. Queremos alinhar na campanha contra a barraca. Queremos ver cada família com sua casa, suficientemente ampla, onde caibam os pais, os filhos, as filhas, sem viverem no mesmo compartimento. É tarefa difícil. Não há, em grande parte, aquela edu-

cação de base que leva as pessoas a não se sentirem bem nas barracas. Isto falta. É o principal. Por aqui se deve começar. É um campo vasto para as Assistentes sociais; Auxilia-



Aqui temos mais um quadro vivo do programa elaborado — e realizado — pelos nossos irmãos de Benguela, e que foi delícia dos angolanos.

res, e todas as pessoas que vivem estes problemas aflitivos.

Há dias, um dos nossos operários, casado de pouco tempo, pediu ajuda para construir uma casa. Conversámos sobre o assunto. Queria construir uma barraca clandestina. Não. Não ajudamos a construir barracas. Demos voltas com ele a saber de terreno onde possa construir a sua casa. Ajudaremos. Ele deu o primeiro passo; talvez o mais importante: quer ter uma casa decente. Ficámos contentes e vamos ajudá-lo.

Padre Manuel António



Cont. da PRIMEIRA página

benévolo, como alguns, que os jornais relatam todos os dias. É por bem que o mundo age? Talvez... Mas não que ele actue bem! São valores eternos que se abalam. São leis positivas, necessárias à segurança de cada indivíduo, que se proscvem. Os doentes cuja situação terrena reclama o «Calvário», dão-nos autoridade para contestarmos a absolvição, infame para a Humanidade, de tantos crimes perpetrados em nome da eutanásia. Onde estão os direitos de Deus, Senhor absoluto da vida, que ordena «não matarás»? Onde os direitos da pessoa humana, possuidora de alma imortal, quando lhe roubam o primeiro valor na ordem natural que é a vida? Para onde se desterra o poder redentor do sofrimento? Se Cristo não valoriza já o penar humano, tornando-o penhor de resgate, estúpida e vã é toda a vida humana, quando não deslizar em facilidades. Mas Cristo continua valorizando o nosso viver, pois não há quem não sofra. A Sua Ressurreição,

após o oblação voluntária do que o Pai decretou, garante perenamente igual desfecho a todo o que se configura com Ele. É por força desta verdade que o «Calvário» teima em recolher o que o mundo enjeita. E no enjeitado vai semeando Esperança que gera Paz, em cujo seio se encontra a Felicidade. Não raro deparamos em corpos enfermos, com rostos a estalar de alegria. A Felicidade é valor supra-terreno. Situa-se no domínio do espírito. Por vezes denomina-se de infelicidade a simples ausência de pernas ou braços ou até de saúde. É colocar a Felicidade num plano demasiado baixo e transitório.

Bem sabemos que o «Calvário» não tem sentido para o mundo. Mas, conhecemos também quem no mundo o entenda e aprecie. Ele é afirmação de Eternidade. Só os que nEsta crêem, o entendem.

Quanto eu queria poder libertar das garras do século corrente tantos enfermos que o mundo não entende! Quanto!

Padre Baptista

que a julgemos resposta justa a cada caso.

Quantas famílias não acordaram com a sua iniciativa a atenção adormecida do seu Próximo, incluindo neste o Pároco. E aí vem ele: «Eu não sabia que vocês também ajudavam estas necessidades, mas já agora aproveito...» E assim repartem connosco os seus fregueses e nos dão a consolação de uma tamanha freguesia!

Ora neste intercâmbio é que nem sempre é fácil a gente entender-se a respeito das mínimas exigências da nossa pequenina burocracia: a) palavra do Pároco, que tome sobre si avalizar o empreendimento; b) segurança de construção e suficiência do dimensionamento para as divisões indispensáveis à Família de que se trata; c) a certeza de que, reunidas todas as forças, se há-de levar a Obra a bom termo.

Por isso mesmo, eu aproveito a oportunidade e ponho no quadro de honra este Pároco duriense, que, de há anos, vem promovendo com tanta persistência, a sua gente e a nos manda frequentemente seus recados (A última vez foram só nove!), sintetizados numa pequena ficha que diz tudo:

«F. de 41 anos, casado, com dois filhos (8 e 2 anos), carpinteiro. Para já não têm bens, embora possam vir a herdar alguns.

Casa: Divisões: 3 quartos, sala, cozinha e lojas. Pronta de pedreiro e carpinteiro, faltando só revestir parte e pintar toda». Eis.

Aqui, Lisboa!

Cont. da PRIMEIRA página

lores descontados para o seguro fôssem investidos em ordem ao próprio seguro, das pensões e benefícios concedidos, sem desvio para remuneração de acções ou títulos privados, pensamos que, com justiça, poderíamos caminhar para uma situação mais favorável, sem menosprezo dos interesses legítimos constituídos. O que importa é avançar firme e decididamente para um mundo melhor, vencendo as forças anquilosantes daqueles que porventura só tenham em conta os seus proveitos; e removendo e inércia das forças retardadoras do progresso. É este o nosso intuito ao aflorar assunto tão candente.

Visado pela
Comissão de Censura



PATRIMÓNIO

dos Pobres

Cont. da PRIMEIRA página

uma ajuda inteligente, seria capaz de a conseguir — é menos bem. Melhor será dar essa ajuda, necessária e suficiente e, discreta, delicada, respeitosa, deixa: ao próprio o esforço de a fazer, a alegria de a possuir. Aliás, até nestas fainas da Caridade fraterna, o tempero que a inteligência

dê ao coração, resulta em tão surpreendente economia!

Portanto, casas do Património — «tantas quantas...» E ao lado destas, outras modalidades de auxílio àqueles que podem alguma coisa — e ficam podendo desproporcionadamente mais, desde que virem nas suas mãos o fruto do seu trabalho e da sua esperança, verdadeiro milagre da multiplicação!

Dado que colossais entidades se têm levantado para dar resposta à necessidade habitacional dos Pobres; que o preço da vida aumentou tanto que muito mais difícil é hoje encontrar numa Paróquia a coragem precisa para o empreendimento; e que, até entre os Po-

bres, há um pouco mais de facilidade de dinheiro — compreende-se (mas não se justifica!) que o Património dos Pobres se tenha autorizado a afrouxar a marcha. Em contrapartida as formas de auto-construção, desde as mais incipientes iniciativas privadas, aos mais evoluídos trabalhos em equipe, têm crescido e crescem por toda a parte.

Graças a Deus que o Património dos Pobres nasceu de Pai Américo, com aquela santa liberdade que nenhum fariseísmo foi capaz de afrontar.

Por isso, do que nos dão, tanto se nos dá dá-lo desta como daquela forma, desde



TRANSPORTADO NOS AVIÕES
DA T. A. P. PARA ANGOLA E
MOÇAMBIQUE